

PROJETO CINE PATRIMONIAL: TRANSFORMANDO AS FRONTEIRAS ENTRE O MUSEU E A COMUNIDADE

Autora: Rozeane Albuquerque Lima (UEPB)

rozeanelima@gmail.com

Coautora: Ana Carolina Monteiro Paiva (UFCG)

anacarolina.mont@hotmail.com

A discussão sobre a identidade (HALL, 2006) da população de um dado espaço é melhor conduzida se considerarmos o que esta população acha primordial preservar em termos de memória e patrimônio neste local. Compreendemos patrimônio, neste texto, como algo bem mais amplo e abrangente, que envolve o material e o imaterial de uma sociedade, o cultural, o ambiental, o histórico, o arquitetônico, entre outros. Patrimônio em

Sua acepção posterior nas expressões patrimônio nacional, patrimônio histórico e patrimônio cultural adquiriu diferentes significados, prevalecendo, por fim, um sentido de referência, que é o de bens representativos da memória coletiva de um povo, de uma civilização. (...) Hoje, o conceito de patrimônio histórico tem seus nexos de inteligibilidade ligados tanto à comunidade local como às esferas do nacional e do global. O termo é atribuído a uma diversidade de objetos agrupados por um passado comum à população de determinado lugar e constituído de bens tanto materiais como imateriais (FIGUEIRA & GIOIA, 2012. P 15).

Foi no sentido de conduzir debates sobre patrimônio e memória na cidade de Campina Grande - PB, e também no sentido de provocar as pessoas a visitarem um museu de arte, conhecerem a sua organização, as suas atividades e o seu espaço interno, que o Cine Patrimonial foi pensando.

Como nos lembra Albuquerque Júnior (2008), o espaço é construído em cinco sentidos, não apenas o museu é construído dessa forma, ou seja, não é apenas o prédio que o torna um museu, são também as relações que lá dentro se estabelecem, os usos que do espaço são feitos, a estética do próprio espaço. Assim, também, a cidade de Campina Grande ganha vida nas relações cotidianas que elegem os espaços de sociabilidade, os pontos de memória, as edificações que se deve preservar, as imagens que se pretende veicular como identitárias de seu povo. Tanto no caso do museu quanto no caso da cidade não podemos nos esquecer dos espaços invisíveis mas que, nem por isso deixam de contar histórias, nem por isso deixam de fazer parte da memória de seu povo: os espaços da feira central de Campina Grande, tida como uma das mais

importantes da região Nordeste, o espaço das bodegas dos bairros não elitizados, das praças com suas tribos urbanas quase invisíveis à população campinense.

Também não podemos nos esquecer da memória e, nela, dos deslocamentos, espaços antes elitizados, hoje esquecidos; pessoas antes heroicizadas, hoje apagadas da memória. Espaços que são sobrepostos, identidades também, e aliados a essa discussão, memória e patrimônio são construídos, desconstruídos, reconstruídos e ressignificados na cidade de Campina Grande (FOUCAULT, 1999).

O município de Campina Grande está situado no agreste paraibano, na parte oriental do planalto da Borborema, em uma área de transição entre a zona da mata, brejo e sertão. Faz parte do semiárido paraibano e apresenta uma média de precipitação pluviométrica de 800mm/ano. Localiza-se numa altitude média de 550 metros acima do nível do mar, a 130 km de distância da capital do estado e abrange uma área territorial de 594,182 Km². Atualmente, a população urbana é de 367.209 e a rural 18.004. É a segunda cidade mais populosa do estado (IBGE, 2010). Ele é o cenário da experiência a ser relatada.

O projeto Cine Patrimonial foi pensado durante os encontros nas oficinas de Educação Patrimonial, promovidas pelo Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC/FURNE (Fundação Universidade Regional do Nordeste) - Campina Grande – PB, dentro do programa de preservação de acervos 2010/2011 do Banco Nacional de Desenvolvimento- BNDES. As discussões apontavam para a ausência do diálogo entre a comunidade e o museu e para uma limitação na concepção de patrimônio acatada pelo senso comum, uma vez que entendemos por Educação Patrimonial (FIGUEIRA & GIOIA, 2012) um conjunto de conhecimentos que proporciona a conscientização sobre o que é patrimônio e a aceitação e respeito pela expressão cultural do outro e, além de tudo isso, funciona como instrumento para capacitar o indivíduo a ler e compreender o mundo que o rodeia e a trajetória histórica em que está inserido.

Essa distância entre comunidade e os debates sobre patrimônio junto com a preocupação em promover alguma atividade que pudesse conectar um ao outro deu origem ao projeto *Cine Patrimonial*, que nasceu com o objetivo de estimular o diálogo entre as várias noções de patrimônio (histórico, cultural, natural, material, imaterial), utilizando, na primeira fase, o espaço do Museu de Arte Assis Chateaubriand para articular, aproximar e motivar a comunidade a participar dos debates sobre temáticas regionais e nacionais. O próprio espaço e a história do Museu de Arte Assis Chateaubriand incentiva o teor do projeto: O museu foi inaugurado em 1967 e instalado

em um prédio histórico construído em 1924 para abrigar a primeira escola estadual de Campina Grande, o Grupo Escolar Sólon de Lucena. Sua localização foi transferida para muitos prédios, até que em 2007 regressou definitivamente para a primeira instalação, onde continua funcionando até os dias atuais. Fruto da Campanha Nacional dos Museus Regionais idealizada por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira, um jornalista e empresário paraibano de destaque no âmbito cultural, o MAAC possui um acervo rico que também conta com doações; a instituição promove cursos de música, oficinas para capacitação e eventos artísticos, procurando, da melhor forma, envolver não apenas habitantes da cidade de Campina Grande, mas das regiões vizinhas e turistas com o espaço do museu: um espaço aberto, público e convidativo para diálogo, aprendizado, experiência, socialização e transformação.

É dessa maneira que acreditamos na potencialidade do projeto Cine Patrimonial, pensado dentro de um espaço dinâmico que valoriza a memória coletiva (HALBWUACS, 2006), os reconhecimentos regionais e nacionais e espelha as identidades e grupos sociais como o MAAC, por pessoas de lugares de fala diferentes como a Pedagogia e História, mas com olhares que convergem em um mesmo propósito.

METODOLOGIA

O planejamento do Cine Patrimonial é feito semestralmente, por Prof. Ms. Rozeane Albuquerque Lima (UEPB), Fabiana Almeida (Setor Educativo – MAAC/FURNE) e Ana Carolina Monteiro (estagiária voluntária), o Instituto Histórico de Campina Grande - IHCG também presta sua colaboração. Os seis primeiros cines foram realizados em Campina Grande, no Museu de Arte Assis Chateaubriand, os próximos seis, a partir do mês de agosto de 2015, fazem parte da segunda etapa do projeto, que passa a ser itinerante. Os cines acontecem mensalmente e os temas escolhidos estão em sintonia com debates atuais. Uma vez definido o tema o próximo passo é convidar autoridades no assunto, geralmente dois debatedores, para compor uma mesa redonda. Ressaltamos a importância de dar espaço a palestrantes de instituições e áreas variadas para compor uma mesa interdisciplinar e interinstitucional, enriquecendo as discussões. Estes convidados possuem a liberdade de escolher um vídeo de duração média de 30 a 40 minutos, podendo ser uma reportagem, entrevista, música, curta-metragem ou

documentário produzido localmente, regionalmente ou nacionalmente sobre o tema em questão.

Após a definição de temas e convidados, faz-se a divulgação. Esta é feita a partir da publicação de um cartaz oficial pelas redes sociais do Instituto Histórico de Campina Grande, Museu de Arte Assis Chateaubriand, Programa de Educação Tutorial de História – UFCG entre outras, pelo e-mail do setor educativo do próprio museu, e impresso para colagem no MAAC, UEPB e UFCG. A divulgação também conta com reportagens e entrevistas realizadas por diferentes emissoras televisivas, o que muito contribui para a difusão e credibilidade do evento. Os compartilhamentos são significativos, o que acaba resultando em um público positivo. Ao longo da primeira fase do Cine, que se encerrou em julho de 2015, mantivemos uma média de 40 pessoas por sessão, número significativo considerando o tema bem específico e a frequência bem pequena obtida por outras experiências de cineclube na cidade.

Na mesa redonda, junto com os dois convidados para iniciar a discussão, também está o mediador do cine, responsável por apresentar os palestrantes e moderar o debate, controlando o tempo e perguntas do público. Os mediadores geralmente são alunos – ou também pesquisadores da área – da graduação que estão iniciando suas pesquisas, escolhidos de acordo com o tema. Assim, no dia, primeiramente são exibidos os vídeos e depois se iniciam as colocações dos convidados da mesa; cada palestrante possui cerca de 40 minutos para compor sua fala. Posteriormente, abre-se o espaço para dúvidas, perguntas e colocações do público e, dependendo da participação, são feitos blocos de três perguntas para os esclarecimentos. Para uma ideia do número de participantes, divulgação dos próximos cines através de e-mails e entrega de certificados é passada uma lista de presença.

Por fim, as atividades do dia são encerradas com a entrega dos certificados aos presentes e com o *coffee break*, que também permite uma socialização entre o público e os convidados.

AS SESSÕES

O primeiro Cine Patrimonial foi realizado no mês de novembro de 2014, com o tema *Imagens de Campina Grande*. Os convidados foram Maria Ida Steinmuller (presidente do IHCG) e Prof. Ms. Bruno Gaudêncio (UEPB), com a mediação de Prof. Ms. Rozeane Lima (UEPB). Na ocasião foram exibidos documentários sobre a história

de Campina Grande, produzidos por Machado Bittencourt, um material único e importante sobre a história da cidade que levantou discussões sobre preservação, memória e história. O evento foi encerrado com o lançamento do livro *Inventário Lírico da Rainha da Borborema*, organizado pelos escritores Bruno Gaudêncio e José Edmilson Rodrigues.

Com um pequeno recesso, o cine retomou as atividades em 2015, no mês de março, com a sessão *O trem de ferro em Campina Grande e o advento de um novo espaço-tempo*, desta vez com os convidados Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha (UFCG) e Prof. Dr. Josemir Camilo Melo (sócio-fundador do IHCG), referências sobre a história da ferrovia em Campina Grande-PB, e como mediadora, a estagiária voluntária que também realiza pesquisas sobre ferrovias, Ana Carolina Monteiro (História/UFCG). Os debatedores

discorreram sobre o tema a partir da exibição de um

documentário produzido pela EPTV de Campinas para a comemoração da ferrovia na região. No mês seguinte, em abril, o cine também contou com convidados que falaram sobre Campina Grande: o cineasta e professor do curso de Arte e Mídia, Helton Paulino (UFCG) e o escritor e

professor Bruno Gaudêncio (UEPB), mas com o

foco em História dos cinemas de Campina Grande. Para essa sessão foi exibido o filme produzido pelo próprio Helton Paulino sobre os cinemas da cidade, com fotos e entrevistas. Estes dois cines contaram com um público significativo, com cada vez mais participação, resposta positiva para o início do projeto.

Ganhando cada vez mais visibilidade e se consolidando, o cine chegou à sua quarta edição em um momento oportuno. Dos dias 18 a 24 de maio ocorreu a 13ª *Semana Nacional de Museus: museus para uma sociedade sustentável*, e o cine entrou



Figura 1 - Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Novembro (2014).



Figura 3 - Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Março (2015).



Figura 2 - Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Abril (2015)

na programação da semana com a sessão *A Lei da Água*. Para compor a mesa redonda foram convidados Igor Trigueiro (Coletivo Aguaceira) e Socorro Fernandes (Coletivo Aguaceira e APAN), tendo como mediador Cristian Costa (PRODEMA/UFPB). As discussões sobre desenvolvimento sustentável, história ambiental e recursos naturais foram muito proveitosas e estimulantes, principalmente considerando o cenário de período de secas no Sudeste e Nordeste. O encerramento do evento ainda contou com uma apresentação da Orquestra Sinfônica da FURNE e a divulgação de uma sessão especial aberta deste cine apenas para a exibição do documentário *A Lei da Água: novo código florestal*, que ocorreu em junho do mesmo ano.

Encerrando o primeiro semestre de atividades, o Cine Patrimonial em sua quinta edição do mês de junho alcançou o maior público, com a sessão *Cordel: Patrimônio Cultural Brasileiro*, que ainda prestou uma homenagem ao cordelista Manoel Monteiro. Como palestrantes, o professor e historiador Itamar Sales e a

professora e pesquisadora Socorro Moura Montenegro, referências no estudo de literatura de cordel, compuseram a mesa redonda, juntamente com o mediador Thiago Raposo (História/UEPB). Para abrir o cine foi exibido um documentário local sobre a produção e legado de Manoel Monteiro, lembrado pela sua família que esteve presente no cine e recebeu as homenagens e agradecimentos dos palestrantes e público.

Este primeiro ciclo de cines patrimoniais mostrou-se positivo, ascendente a cada realização, o que proporcionou uma confiança do público que se manteve constante na maioria dos encontros. A resposta sem dúvidas foi uma das melhores, o que aumentou a



Figura 4 - Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Maio (2015).



Figura 5 - Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial - Sessão especial aberta, mês de Junho (2015).



Figura 6 - Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Junho (2015).

responsabilidade da organização. Em meio a esses retornos positivos também há as críticas e sugestões que são levadas em consideração para o aperfeiçoamento do projeto, de maneira a atender cada vez mais a comunidade. Novos planos são traçados para o próximo semestre, com o olhar atencioso para estimular a troca de conhecimentos aproximando a comunidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. **O espaço em Cinco Sentidos. Sobre cultura, poder e representações espaciais.** Recife: Bagaço, 2008.

Dados do IBGE (2010). Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang&codmun=250400&search=paraiba>>

Acesso em: 05 de set. 2013

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis; GIOIA, Lilian de Cássia Miranda. **Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas.** São Paulo: Edições SM, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz (org.) **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

Museu de Arte Assis Chateaubriand. Disponível em:

<<http://www.fundacaofurne.org.br/Portal2/index.php/segmentos/maac>> Acesso em: 30

de nov. 2015